



ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2023 – Estado da Questão



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins
Design gráfico e paginação: Paulo Freitas

ISBN: 978-972-9451-98-0

Edição: Associação dos Arqueólogos Portugueses, CEAACP, CEIS2o e IA-FLUC
Lisboa, 2023

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:

Planta das ruínas de Conímbriga. © Museu Nacional de Conímbriga



Apoio Institucional:



Índice

- 15 Prefácio
José Morais Arnaud
- 1. Pré-História**
- 19 O potencial informativo dos *Large Cutting Tools*: o caso de estudo da estação paleolítica do Casal do Azemel (Leiria, Portugal)
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas
- 33 PaleoTejo – Uma rede de trabalho para a investigação e para o património relacionado com os Neandertais e pré-Neandertais
Telmo Pereira / Luís Raposo / Silvério Figueiredo / Pedro Proença e Cunha / João Caninas / Francisco Henriques / Luiz Oosterbeek / Pierluigi Rosina / João Pedro Cunha-Ribeiro / Cristiana Ferreira / Nelson J. Almeida / António Martins / Margarida Salvador / Fernanda Sousa / Carlos Ferreira / Vânia Pirata / Sara Garcês / Hugo Gomes
- 45 A indústria lítica de malhadinhas e o seu enquadramento no património acheulense do vale do Tejo
Vânia Pirata / Telmo Pereira / José António Pereira
- 61 O Abrigo do Lagar Velho revisitado
Ana Cristina Araújo / Ana Maria Costa / Montserrat Sanz / Armando Lucena / Joan Daura
- 75 Contributo para o conhecimento das indústrias líticas pré-históricas do litoral de Esposende (NW de Portugal)
Sérgio Monteiro-Rodrigues
- 95 À volta da fogueira na pré-história: análise às estruturas de combustão do Sul de Portugal – a Praia do Malhão (Odemira)
Ana Rosa
- 105 O projecto LandCraft. A intervenção arqueológica no abrigo das Lapas Cabreiras
João Muralha Cardoso / Mário Reis / Bárbara Carvalho / Lara Bacelar Alves
- 119 A ocupação pré-histórica de Monte Novo: local de culto e de habitat
Mário Monteiro / Anabela Joaquineto
- 135 A formalização de espaços públicos durante o Calcolítico no Alto Douro Português: as Grandes Estruturas Circulares do Castanheiro do Vento (V. N. de Foz Côa)
Ana Vale / João Muralha Cardoso / Sérgio Gomes / Vítor Oliveira Jorge
- 149 Em busca da colecção perdida (1): Vila Nova de São Pedro no Museu Municipal de Vila Franca de Xira
César Neves / José Morais Arnaud / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 167 De casa em casa: novos dados sobre o sítio pré-histórico do Rio Seco/Boa-Hora (Ajuda, Lisboa)
Regis Barbosa
- 179 Um contributo para o estudo das Pontas Palmela das «Grutas de Alcobaça»
Michelle Teixeira Santos / Cátia Delicado / Isabel Costeira
- 195 Monte da Ponte (Évora): Um cruzamento entre o positivo e o negativo?
Inês Ribeiro
- 203 Peças antropomórficas da necrópole megalítica de Alto de Madorras. Abordagem preliminar ao seu estudo e valorização no âmbito do Projecto TSF – Murça
Maria de Jesus Sanches / Maria Helena Barbosa / Nuno Ramos / Joana Castro Teixeira / Miguel Almeida

- 219 Apontamentos sobre o monumento megalítico da Bouça da Mó 2, Balugães, Barcelos (Noroeste de Portugal)
Luciano Miguel Matos Vilas Boas
- 227 A Mamoa 1 do Crasto, Vale de Cambra. Um monumento singular
Pedro Manuel Sobral de Carvalho
- 241 À conversa com os ossos: População do Neolítico Final/Calcolítico da Lapa da Bugalheira, Torres Novas
Helena Gomes, Filipa Rodrigues, Ana Maria Silva
- 253 Dos ossos, cacos, pedras e terra à leitura detalhada das práticas funerárias no 3º milénio a.C.: o caso do Hipogeu I do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)
Maria João Neves
- 267 Os sepulcros da Pré-História recente da Quinta dos Poços (Lagoa): contextos e cronologias
António Carlos Valera / Lucy Shaw Evangelista / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 285 Quinta dos Poços (Lagoa): Dados biológicos e práticas funerárias dos Sepulcros da Pré-História Recente
Lucy Shaw Evangelista / Eduarda Silva / Sofia Nogueira / António Carlos Valera / Catarina Furtado / Francisco Correia
- 299 Everything everywhere? Definitely not all at once. Uma aproximação inicial às práticas de processamento de macrofaunas da Pré-História recente do Centro e Sul de Portugal
Nelson J. Almeida / Catarina Guinot / António Diniz
- 313 Um sítio, duas paisagens: a exploração de recursos vegetais durante o Mesolítico e a Idade do Bronze na Foz do Medal (Baixo Sabor, Nordeste de Portugal)
João Pedro Tereso / María Martín Seijo / Rita Gaspar
- 327 Análise isotópica estável ($\Delta^{13}C$) em sedimentos de sítios arqueológicos
Virgínia Lattao / Sara Garcês / Hugo Gomes / Maria Helena Henriques / Elena Marrochino / Pierluigi Rosina / Carmela Vaccaro
- 333 Sobre a presença de sílex na Praia das Maças (Sintra)
Patrícia Jordão / Nuno Pimentel
- 345 Lost & Found. Resultados dos trabalhos de prospecção arqueológica realizados no vale do Carvalhal de Aljubarrota (Alcobaça, Leiria)
Cátia Delicado / Leandro Borges / João Monte / Bárbara Espírito Santo / Jorge Lopes / Inês Sofia Silva
- 357 Análise dos padrões de localização das grutas arqueológicas da Arrábida
João Varela / Nuno Bicho / Célia Gonçalves
- 365 Novos testemunhos de ocupação pré-histórica na área da ribeira de Santa Margarida (Alto Alentejo): notícia preliminar
Ana Cristina Ribeiro

2. Proto-História

- 377 Dinâmicas de Povoamento durante a Idade do Bronze no Centro da Estremadura Portuguesa: O Litoral Atlântico Entre as Serras d'Aires e Candeeiros e de Montejunto
Pedro A. Caria
- 389 Novos dados sobre os povoados do Bronze Final dos Castelos (Beja) e Laço (Serpa) no âmbito do Projeto Odyssey. Contributos a partir de um levantamento drone-LiDAR
Miguel Serra / João Fonte / Tiago do Pereiro / Rita Dias / João Hipólito / António Neves / Luís Gonçalves Seco
- 401 Metais do Bronze Final no Ocidente Ibérico. O caso dos machados de alvado a sul do rio Tejo
Marta Gomes / Carlo Bottaini / Miguel Serra / Raquel Vilaça
- 411 Dois Sítios, um ponto de situação. Primeiros resultados dos trabalhos nos Castros de Ul e Recarei em 2022
João Tiago Tavares / Adriaan de Man

- 425 Reflexões acerca dos aspetos técnicos e tecnológicos dos artefactos de ferro do Bronze Final / Ferro Inicial no território português
Pedro Baptista / Ralph Araque Gonzalez / Bastian Asmus / Alexander Richter
- 439 Resumo de resultados do projeto IberianTin (2018-22) e resultados iniciais do projeto Gold. PT (2023-)
Elin Figueiredo / João Fonte / Emmanuelle Meunier / Sofia Serrano / Alexandra Rodrigues
- 451 À volta da Pedra Formosa. Estudo do Balneário Este da Citânia de Briteiros
Gonçalo Cruz
- 463 Intercâmbio no primeiro milénio A.C., no litoral, entre os estuários dos rios Cávado e Ave
Nuno Oliveira
- 481 Castro de Guifões: elementos para a reconstituição paleogeográfica e compreensão da ocupação antiga do sítio
Andreia Arezes / Miguel Almeida / Alberto Gomes / José Varela / Nuno Ramos / André Ferreira / Manuel Sá
- 493 O Castro da Madalena (Vila Nova de Gaia) no quadro da ocupação proto-histórica da margem esquerda do Douro
Edite Martins de Sá / António Manuel S.P. Silva
- 507 Uma cabana com vista para o rio, no Sabugal da Idade do Ferro
Inês Soares / Paulo Pernadas / Marcos Osório
- 519 Cerca do Castelo de Chão do Trigo (S. Pedro do Esteval, Proença-a-Nova): resultados de três campanhas de escavações (2017-2019)
Paulo Félix
- 533 Instrumentos e artes de pesca no sítio proto-histórico de Santa Olaia (Figueira da Foz)
Sara Almeida / Raquel Vilaça / Isabel Pereira
- 549 Sobre a influência da cerâmica grega nas produções de cerâmica cinzenta do estuário do Tejo: um vaso emblemático encontrado nas escavações arqueológicas do Largo de Santa Cruz (Lisboa)
Elisa de Sousa / Sandra Guerra / João Pimenta / Roshan Paladugu
- 563 *To buy fine things*: trabalhos e perspectivas recentes sobre o consumo de importações mediterrâneas no Sul de Portugal durante o I milénio a.n.e.
Francisco B. Gomes
- 575 Arquitecturas orientais em terra na fronteira atlântica: novas abordagens do Projecto #BuildinginNewLands
Marta Lorenzon / Benjamín Cutillas-Victoria / Elisa Sousa / Ana Olaio / Sara Almeida / Sandra Guerra
- 585 Frutos, cultivos e madeira no Castro de Alvarelhos: a arqueobotânica do projeto CAESAR
Catarina Sousa / Filipe Vaz / Daniela Ferreira / Rui Morais / Rui Centeno / João Tereso

3. Antiguidade Clássica e Tardia

- 599 A propósito de machados polidos encontrados em sítios romanos do território português e a crença antiga nas “pedras de raio”
Fernando Coimbra
- 611 Unidades Organizativas e Povoamento no Extremo Ocidental da *Civitas* Norte-Lusitana dos *interannienses*: um ensaio
Armando Redentor / Alexandre Canha
- 625 As Termas Romanas da Quinta do Ervedal (Castelo Novo, Fundão)
Joana Bizarro
- 633 Paisagem rural, paisagem local: os primeiros resultados arqueológicos e arqueobotânicos do sítio da Terra Grande (*civitas Igaeditanorum*)
Sofia Lacerda / Filipe Vaz / Cláudia Oliveira / Luís Seabra / João Tereso / Ricardo Costeira da Silva / Pedro C. Carvalho

- 649 Recontextualização dos vestígios arqueológicos do *forum* de Coimbra. Uma leitura a partir da comparação tipo-morfológica
Pedro Vasco de Melo Martins
- 665 Sítio do Antigo (Torre de Vilela, Coimbra): uma possível *villa* suburbana de *Aeminium*
Rúben Mendes / Raquel Santos / Carmen Pereira / Ricardo Costeira da Silva
- 679 A fachada norte da Casa dos Repuxos (Conímbriga): resultados das campanhas de 2021 e 2022
Ricardo Costeira da Silva / José Ruivo / Vítor Dias
- 693 Intervenções Arqueológicas em Condeixa-a-Velha no âmbito das acções do Movimento para a Promoção da Candidatura de Conímbriga a Património Mundial da Unesco
Pedro Peça / Miguel Pessoa / Pedro Sales / João Duarte / José Carvalho / Fernando Figueiredo / Flávio Simões
- 707 O sítio arqueológico de São Simão, Penela
Sónia Vicente / Flávio Simões / Ana Luísa Mendes
- 723 O sítio arqueológico da Telhada (Vermoil, Pombal)
Patrícia Brum / Mariana Nabais / Margarida Figueiredo / João Pedro Bernardes
- 731 *Górgona* – um *corpus* de *opus sectile* na Lusitânia
Carolina Grilo / Lídia Fernandes / Patrícia Brum
- 741 *Villa* romana da Herdade das Argamassas. Delta, motivo de inspiração secular. Do mosaico ao café
Vítor Dias / Joaquim Carvalho / Cornelius Meyer
- 755 A Antiguidade Tardia no Vale do Douro: o exemplo de Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó)
Tony Silvino / Pedro Pereira / Rodolphe Nicot / Laudine Robin / Yannick Teyssonneyre
- 771 A Arqueologia Urbana em Braga: oportunidades e desafios. O caso de estudo da rua Nossa Senhora do Leite, n.º 8/10
Fernanda Magalhães / Luís Silva / Letícia Ruela / Diego Machado / Lara Fernandes / Eduardo Alves / Manuela Martins / Maria do Carmo Ribeiro
- 785 Balneário romano de São Vicente (Penafiel): projeto de revisão das estruturas construídas e do contexto histórico-arqueológico do sítio
Silvia González Soutelo / Teresa Soeiro / Juan Diego Carmona Barrero / Jorge Sampaio / Helena Bernardo / Claus Seara Erwelein
- 801 Um contexto cerâmico tardo-antigo da Casa do Infante (Porto)
João Luís Veloso / Paulo Dordio Gomes / Ricardo Teixeira / António Manuel S. P. Silva
- 815 Trabalhos arqueológicos no Patarinho (Santa Comba Dão, Viseu): caracterização de uma pequena área de produção vinícola no vale do Dão em época alto-imperial
Pedro Matos / João Losada
- 831 Sobre a ocupação tardia da *villa* da Quinta da Bolacha – estudo de um contexto de ocupação da casa romana
Vanessa Dias / Gisela Encarnação / João Tereso
- 843 Os materiais do sítio romano de Eira Velha (Miranda do Corvo) como índice cronológico das suas fases de construção
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Rui Ramos / Inês Simão
- 859 Cerâmica de importação em *Talabriga* (Cabeço do Vouga, Águeda)
Diana Marques / Ricardo Costeira da Silva
- 873 Revisão dos objetos ponderais recuperados na antiga *Conimbriga* (Condeixa-a-Nova, Coimbra)
Diego Barrios Rodríguez / Cruces Blázquez Cerrato
- 885 O conjunto de pesos de tear do sítio romano de Almoínhas
Martim Lopes / Paulo Calaveiras / José Carlos Quaresma / Joel Santos

- 901 *A terra sigillata* e a cerâmica de cozinha africana na cidade de Lisboa no quadro do comércio do ocidente peninsular – O caso do edifício da antiga Sede do Banco de Portugal
Ana Beatriz Santos
- 915 Análise (im)possível dos espólios arqueológicos do sítio do Mascarro (Castelo de Vide, Portugal)
Sílvia Monteiro Ricardo
- 931 Reconstruindo a paisagem urbana de Braga desde a sua fundação até à cidade medieval: as ruas como objeto de estudo
Leticia Ruela / Fernanda Magalhães / Maria do Carmo Ribeiro
- 941 A dinâmica viária no vale do Rabagão: a via XVII e o contributo dos itinerários secundários
Bruno Dias / Rebeca Blanco-Rotea / Fernanda Magalhães
- 953 Resultados das leituras geofísicas de Monte dos Castelinhos, Vila Franca de Xira
João Pimenta / Tiago do Pereiro / Henrique Mendes / André Ferreira
- 965 *Loca sacra*: Para uma topografia dos lugares simbólicos no atual Alentejo em época romana
António Diniz
- 977 Mosaicos da área de influência de *Pax Iulia*
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 993 A exploração de pedras ornamentais na Lusitânia: Primeiros dados de um estudo em curso
Gil Vilarinho

4. Época Medieval

- 1009 A necrópole da Alta Idade Média do Castro de São Domingos (Lousada, Portugal)
Paulo André Pinho Lemos / Manuel Nunes / Bruno M. Magalhães
- 1025 A transformação e apropriação do espaço pelos edifícios rurais, entre a Antiguidade Tardia e a Idade Média, no troço médio do vale do Guadiana (Alentejo, Portugal)
João António Ferreira Marques
- 1037 A reconfiguração do espaço rural na Alta Idade Média. Análise dos marcadores arqueológicos no Alto Alentejo
Rute Cabriz / Sara Prata
- 1047 O Castelo de Vale de Trigo (Alcácer do Sal): dados das intervenções arqueológicas
Marta Isabel Caetano Leitão
- 1061 Convento de Nossa Senhora do Carmo de Moura, um conjunto de silos medievais islâmicos: dados preliminares de uma das sondagens arqueológicas de diagnóstico
Vanessa Gaspar / Rute Silva
- 1075 Potes meleiros islâmicos – Contributo para o estudo da importância do mel na Idade Média
Rosa Varela Gomes
- 1085 Luxos e superstições – registos de espólio funerário e outras materialidades nas necrópoles islâmicas no Gharb al-Andalus
Raquel Gonzaga
- 1097 A Necrópole Islâmica do Ribat do Alto da Vigia, Sintra
Alexandre Gonçalves / Helena Catarino / Vânia Janeirinho / Filipa Neto / Ricardo Godinho
- 1115 O inédito pavimento Cisterciense da cidade de Évora
Ricardo D'Almeida Alves de Morais Sarmento
- 1129 Do solo para a parede: a intervenção arqueológica no Pátio do Castilho n.º 37-39 e a(s) Torre(s) de Almedina da muralha(s) de Coimbra
Susana Temudo

- 1145 Utensílios cerâmicos de uma cozinha medieval islâmica no espaço periurbano de al-Ushbuna (1ª metade do séc. XII)
Jorge Branco / Rodrigo Banha da Silva
- 1159 O convento de S. Francisco de Real na definição da paisagem monástico-conventual de Braga, entre a Idade Média e a Idade Moderna
Francisco Andrade
- 1169 “Ante o cruzeiro jaz o mestre”: resultados preliminares da escavação do panteão da Ordem de Santiago (séculos XIII – XVI) localizado no Santuário do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal)
Ana Rita Balona / Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain
- 1181 Produções cerâmicas da Braga medieval: cultura e agência material
Diego Machado / Manuela Martins
- 1197 Agricultura e paisagem em Santarém entre a Antiguidade Tardia e o Período Islâmico a partir das evidências arqueobotânicas
Filipe Vaz / Luís Seabra / João Tereso / Catarina Viegas / Ana Margarida Arruda

5. Época Moderna

- 1215 A necrópole medieval e moderna de Benavente: resultados de uma intervenção de Arqueologia Preventiva
Joana Zuzarte / Paulo Félix
- 1229 Rua da Judiaria – Castelo de Vide: Aspetos gerais da intervenção arqueológica na eventual Casa do Rabino
Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos / Susana Rodrigues Cosme
- 1239 A coleção de estanho de Esposende
Elisa Maria Gomes da Torre e Frias-Bulhosa
- 1253 *Três barris num campo de lama*: dados preliminares para o estudo da vitivinicultura na cidade de Aveiro no período moderno
Diana Cunha / Susana Temudo / Pedro Pereira
- 1269 Aveiro como centro produtor de cerâmica: os vestígios da oficina olárica identificada na Rua Capitão Sousa Pizarro
Vera Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado
- 1283 A Casa Cordovil: contributo para o conhecimento de Évora no Período Moderno
Leonor Rocha
- 1295 Reconstruir a Cidade: o pré e o pós-terramoto na Rua das Escolas Gerais, nº 61 (Lisboa)
Susana Henriques
- 1305 Lazareto, fortaleza e prisão: arqueologia do Presídio da Trafaria (Almada)
Fabián Cuesta-Gómez / Catarina Tente / Sérgio Rosa / André Teixeira / Francisca Alves Cardoso / Sílvia Casimiro
- 1319 Conhecer o quotidiano do Castelo de Palmela entre os séculos XV e XVIII através dos artefactos metálicos em liga de cobre
Luís F. Pereira
- 1331 Um forno de cerâmica do início da Época Moderna na Rua Edmond Bartissol, Setúbal
Victor Filipe / Eva Pires / Anabela Castro
- 1341 A necrópole da Igreja Velha do Peral (Proença-a-Nova)
Anabela Joaquineto / Francisco Henriques / Francisco Curate / Carla Ribeiro / Nuno Félix / Fernando Robles Henriques / João Caninas / Hugo Pires / Paula Bivar de Sousa / Carlos Neto de Carvalho / Isabel Gaspar / Pedro Fonseca
- 1357 A materialização da morte em Bucelas entre os séculos XV e XIX. Rituais, semiótica e simbologias
Tânia Casimiro / Dário Ramos Neves / Inês Costa / Florbela Estevão / Nathalie Antunes-Ferreira / Vanessa Filipe

- 1369 Ficam os ossos e ficam os anéis: objetos de adorno e de crença religiosa da necrópole do Convento dos Lóios, Lisboa
João Miguez / Marina Lourenço
- 1379 “Não ha sepultura onde se não tenham enterrado mais de dez cadáveres”: as valas comuns de época moderna da necrópole do Hospital dos Soldados (Castelo de São Jorge, Lisboa), uma prática funerária de recurso
Carina Leirião / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Susana Henriques / Sofia N. Wasterlain
- 1391 Estudo tafonómico de uma coleção osteológica proveniente da Igreja da Misericórdia em Almada
Maria João Rosa / Francisco Curate
- 1403 Variabilidade formal e produtiva da cerâmica moderna na cidade de Braga: estudo de caso
Lara Fernandes / Manuela Martins / Maria do Carmo Franco Ribeiro
- 1415 Representações femininas na faiança portuguesa de Santa Clara-a-Velha: desigualdade, subalternização, emancipação
Inês Almendra Castro / Tânia Manuel Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1427 Poder, família, representação: a heráldica na faiança de Santa Clara-a-Velha
Danilo Cruz / Tânia Casimiro / Ricardo Costeira da Silva
- 1437 A Chacota de Faiança a uso e o significado social do seu consumo em Lisboa, nos meados-finais do século XVII: a amostragem do Hospital dos Pescadores e Mareantes de Alfama
André Bargão / Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva
- 1445 Algumas considerações sobre os artefactos em ligas metálicas descobertos no Palácio Sant’Anna em Carnide, Lisboa
Carlos Boavida / Mário Monteiro
- 1461 Os cachimbos cerâmicos dos séculos XVII e XVIII do Palácio Almada-Carvalhais (Lisboa)
Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva / Tiago Nunes
- 1469 Tróia fumegante. Os cachimbos cerâmicos modernos do sítio arqueológico de Tróia
Miguel Martins de Sousa / Tânia Manuel Casimiro / Filipa Araújo dos Santos / Mariana Nabais / Inês Vaz Pinto
- 1483 Um copo para muitas garrafas. Algumas palavras sobre um conjunto de vidros modernos e contemporâneos encontrados na Praia da Alburrica (Barreiro)
Carlos Boavida / António González
- 1495 *A Gran Principessa di Toscana*, um naufrágio do século XVII no Cabo Raso (Cascais)
Sofia Simões Pereira / Francisco Mendes / Marco Freitas
- 1503 Condições ambientais e contexto arqueológico na margem estuarina de Lisboa: dados preliminares da sondagem ESSENTIA (Av. 24 de Julho | Rua Dom Luís I)
Margarida Silva / Ana Maria Costa / Maria da Conceição Freitas / José Bettencourt / Inês Mendes da Silva / Tiago Nunes / Mónica Ponce / Jacinta Bugalhão
- 1517 Evolução ambiental do estuário do Rio Cacheu, Guiné-Bissau: dados preliminares
Rute Arvela, Ana Maria Costa, Maria da Conceição Freitas, Rui Gomes Coelho
- 1525 Extrair informação cultural de madeiras náuticas: uma experiência em Lisboa
Francisco Mendes / José Bettencourt / Marco Freitas / Sofia Simões Pereira
- 1535 Ferramentas, carpinteiros e calafates a bordo da fragata *Santo António de Taná* (Mombaça, 1697)
Patrícia Carvalho / José Bettencourt
- 1547 Parede 1, Carcavelos 12 e Carcavelos 13: três naufrágios da Guerra Peninsular?
José Bettencourt / Augusto Salgado / António Fialho / Jorge Freire
- 1555 Estudo zooarqueológico e tafonómico de um silo de época moderno-contemporânea da Casa Cordovil, Évora
Catarina Guinot / Nelson J. Almeida / Leonor Rocha

- 1569 Uma aproximação à Arqueologia de Paisagem: a paisagem fluvial e as dimensões da sua exploração, comunicação e ocupação
Patrícia Alho / Vanda Luciano
- 1575 Dos Arquivos ao Trabalho de Campo: o Estudo da Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar (Portimão)
Bruna Ramalho Galamba
- 1583 Palácio Vaz de Carvalho, a diacronia de um sítio: da Pré-História à Contemporaneidade
Anabela Sá / Inês Mendes da Silva
- 1595 *Um olhar sobre o passado*: apresentação dos resultados de uma intervenção arqueológica na Figueira da Foz
Bruno Freitas / Sérgio Gonçalves / André Donas-Botto
- 1607 Todos os metros contam, 200 mil anos num quarteirão? O caso das Olarias de Leiria
Ana Rita Ferreira / André Donas-Botto / Cláudia Santos / Luís Costa

6. Época Contemporânea

- 1625 Navios de ferro: contributos para uma abordagem arqueológica aos naufrágios de Idade Contemporânea em Portugal
Marco Freitas / Francisco Mendes / Sofia Simões Pereira
- 1637 *Das peles e dos rebites*: o processo de inventariação arqueológica da Central do Biel e da Fábrica de Curtumes do Granjo (Vila Real)
Pedro Pereira / Fernando Silva
- 1649 Seminário Maior de Coimbra: o contributo da arqueologia num espaço em reabilitação
Constança dos Santos / Sónia Filipe / Paulo Morgado / Gina Dias
- 1663 Paradigmas de Preservação e Valorização do Património Monumental nas Linhas de Torres Vedras. Abordagem às intervenções realizadas no Forte da Archeira (Torres Vedras), no Forte 1.º de Suberra e na Bateria Nova de Suberra (Vila Franca de Xira)
João André Perpétuo / Miguel Martins de Sousa / João Ramos
- 1677 Pavimentos em mós na arquitetura saloia: novos dados na Amadora
Nuno Dias / Catarina Bolila / Vanessa Dias / Gisela Encarnação
- 1685 O Tejo e a industrialização: como Lisboa “invadiu” o rio no século XIX
Inês Mendes da Silva
- 1695 As Alcaçarias do Duque. A redescoberta dos últimos banhos públicos de Alfama
Filipe Santos
- 1709 Memorial da Serralharia – Arqueologia do Passado Recente no Hospital de São José
João Sequeira / Carlos Boavida / Afonso Leão
- 1723 *kana, fornadja y kumunidadi*: Um caso de estudo da produção e transformação da cana sacarina na Ribeira dos Engenheiros (Ilha de Santiago)
Nireide Pereira Tavares
- 1735 Personagens Escondidas: À procura das emoções esquecidas das mulheres na indústria portuguesa. Uma análise arqueológica através de novas materialidades
Susana Pacheco / Joel Santos / Tânia Manuel Casimiro
- 1747 Sós mas não Esquecidos. Por uma Arqueologia da Solidão
Joel Santos / Susana Pacheco

7. Arte Rupestre

- 1761 O projeto First-Art (*Extension*): determinação cronológica e caracterização dos pigmentos nas fases iniciais da Arte Rupestre Paleolítica
Sara Garcês / Hipólito Collado / Hugo Gomes / Virginia Lattao / George Nash / Hugo Mira Perales / Diego Fernández Sánchez / José Julio García Arranz / Pierluigi Rosina / Luiz Oosterbeek

- 1771 Mais perto da conclusão: novo ponto da situação da prospecção e inventário da arte rupestre do Côa
Mário Reis
- 1787 Propostas metodológicas para a conservação dos sítios com Pinturas Rupestres da Pré-História recente no Vale do Côa
Vera Moreira Caetano / Fernando Carrera / Lara Bacelar Alves / António Batarda Fernandes / Teresa Rivas / José Santiago Pozo-Antonio
- 1801 Alguma cor num fundo de gravura: principais conjuntos da pintura pré-histórica do Vale do Côa
Lara Bacelar Alves / Andrea Martins / Mário Reis
- 1815 Desde a crista, olhando para o Tejo – os abrigos com pintura esquemática do Pego da Rainha (Mação, Portugal)
Andrea Martins
- 1841 Gravuras rupestres da rocha 2 da Lomba do Carvalho (Almaceda, Castelo Branco).
Informação empírica e hipóteses interpretativas
Mário Varela Gomes
- 1859 Um novo olhar sobre as gravuras de labirintos: o caso do Castelinho (Torre de Moncorvo, Portugal)
Andreia Silva / Sofia Figueiredo-Persson / Elin Figueiredo
- 1875 Os seixos incisos da Idade do Ferro de São Cornélio (Sabugal, Alto Côa)
Luís Luís / Marcos Osório / André Tomás Santos / Anna Lúcia Vitale / Raquel Vilaça
- 1891 Entre topónimos e lendas. Explicações das sociedades rurais para o fenómeno podomórfico do nordeste de Trás-os-Montes
José Moreira
- 1905 Os grafitos molinológicos ou a realidade (in)visível das moagens hidráulicas tradicionais: resultados da aplicação de um inédito roteiro metodológico (Lousada, Norte de Portugal)
Manuel Nunes / Paulo André P. Lemos

8. Arqueologia Pública, Comunicação e Didática

- 1923 Património Mundial e Valor Social: Uma Investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Rupestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde
José Paulo Francisco
- 1931 Parque Arqueosocial do Andakatu em Mação. Boas práticas para a sustentabilidade e disseminação do conhecimento científico
Hugo Gomes / Sara Garcês / Luiz Oosterbeek / Pedro Cura / Anabela Borralheiro / Rodrigo Santos / Sandra Alexandre
- 1943 Vila Nova de São Pedro e a Arqueologia Pública – a consolidação de um projecto através dos agentes da sua história
José M. Arnaud / Andrea Martins / César Neves / Mariana Diniz
- 1963 O Monumento Pré-histórico da Praia das Maças (Sintra): atividades de divulgação e educação patrimonial realizadas no âmbito das recentes escavações arqueológicas
Eduardo Porfírio / Catarina Costeira / Teresa Simões
- 1979 A Idade do Bronze como ferramenta de Educação e Divulgação em Arqueologia – O Projeto Outeiro do Circo 2022-2023
Sofia Silva / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1993 Arqueologia Pública: a Festa da Arqueologia como caso de estudo
Carla Quirino / Andrea Martins / Mariana Diniz
- 2013 Open House Arqueologia – a aproximação da disciplina científica aos cidadãos
Lídia Fernandes / Carolina Grilo / Patrícia Brum
- 2025 “Cada cavadeira sua minhoca”: Arqueologia Pública e Comunicação através do caso de estudo do Largo do Coreto e envolvente em Carnide (Lisboa)
Ana Caessa / Nuno Mota

- 2037 **Grupo CIGA: comunicar e divulgar a cerâmica islâmica**
Isabel Inácio / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes / Sofia Gomes / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Marco Liberato / Gonçalo Lopes / Constança Santos / Jacinta Bugalhão / Helena Catarino / Sandra Cavaco
- 2047 **O Forte de São João Batista da Praia Formosa: a recuperação virtual e a reconstrução da memória**
Diogo Teixeira Dias / Sérgio Gonçalves
- 2059 **Entre a Universidade e a profissão: A experiência de um Estágio Curricular narrada na primeira pessoa**
Mariana Santos
- 2069 **A Arqueologia e os seus Públicos: relação dos Arqueólogos com os outros Cidadãos no âmbito da Contemporaneidade**
Florbel Estêvão / Vítor Oliveira Jorge
- 2079 **Arqueologia e Comunicação na era da Big Data: do sítio arqueológico ao registo de monumentos e paisagens. Será este um dia FAIR?**
Ariele Câmara / Ana de Almeida / João Oliveira / Daniel Marçal
- 2091 **Exposição de Arte-Arqueologia: Artefactos do Descarte**
Pedro da Silva / Inês Moreira

9. Historiografia e Teoria

- 2103 **Pré-História e “Antropologia Cultural”: repensar esta interface**
Vítor Oliveira Jorge
- 2115 **“Onde está o Wally?” Representações de mulheres nos museus de Pré-História**
Sara Brito
- 2125 **“Criei o hábito de geralmente ignorar”: sexismo, assédio e abuso sexual em Arqueologia**
Liliana Matias de Carvalho / Sara Simões / Sara Brito / Jacinta Bugalhão / Miguel Rocha / Mauro Correia / Regis Barbosa / Raquel Gonzaga
- 2137 **O ensino da Arqueologia em Portugal**
Jacinta Bugalhão
- 2149 **O Grupo Pró-Évora e o curso de arqueologia de 1968: uma primeira aproximação ao tema**
Ana Cristina Martins
- 2161 **Andanças na Arqueologia Urbana da Cidade de Coimbra: Um Historial de Duas Décadas do Processo Metro Mondego**
António Batarda Fernandes
- 2177 **Peixes de Água Doce e Migradores de Portugal: Sistematização da Informação Zooarqueológica**
Miguel Rodrigues / Filipe Ribeiro / Sónia Gabriel
- 2191 **Extração de Conhecimento em Arqueologia: primeiros resultados da aplicação a dados portugueses**
Ivo Santos
- 2199 **A Igreja do Carmo de Lisboa: um exemplo de arqueologia vertical com 600 anos**
Célia Nunes Pereira

10. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 2215 **A simplificação legislativa e os desafios à atividade arqueológica**
Gertrudes Branco
- 2223 **IPA / IGESPAR, IP / DGPC – Extensão de Torres Novas: 25 anos**
Sandra Lourenço / Gertrudes Zambujo / Cláudia Manso
- 2239 **O futuro do Património Arqueológico Subaquático: Uma perspetiva através do ensino**
Adolfo Silveira Martins / Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Miguel Martins

- 2245 **Recomendações de Boas-Práticas em Arqueologia de Ambientes Húmidos**
Ana Maria Costa / Cândida Simplício / Cristóvão Fonseca / Jacinta Bugalhão / João Pedro Tereso / José Bettencourt / José António Gonçalves / Miguel Lago / Pedro Barros / Rodrigo Banha da Silva
- 2261 **A inventariação e georreferenciação do Património Cultural Marítimo no *Endovéllico***
Pedro Barros / Jacinta Bugalhão / Gonçalo C. Lopes / Cristóvão Fonseca / Pedro Caleja / Filipa Bragança / Sofia Pereira / Ana Sofia Gomes
- 2273 **A piroga monóxila Lima 7 e os desafios que o rio nos apresenta**
José António Gonçalves / João Marrocano
- 2291 **A paisagem marítima do litoral do Minho. Uma primeira aproximação à paisagem económica de Viana do Castelo**
Tiago Silva
- 2301 **O projeto TURARQ – Turismo Arqueológico para a compreensão da cultura e das interações ambientais**
Hugo Gomes / Sara Garcês / Marco Martins / Anícia Trindade / Douglas O. Cardoso / Eduardo Ferraz / Luiz Oosterbeek
- 2307 **Tecnologias de Detecção Remota aplicadas ao Descritor do Património: da prática à reflexão**
Gabriel Pereira / Nuno Barraca / Mauro Correia / Gustavo Santos
- 2321 **Procedimentos a adotar na manipulação de materiais arqueológicos para análises de resíduos orgânicos: as práticas instituídas e os equívocos**
César Oliveira
- 2331 **Arqueologia da Arquitetura aplicada ao estudo dos espaços construídos: uma metodologia de análise**
Eduardo Alves / Rebeca Blanco-Rotea
- 2343 **Almada Velha: um projeto municipal de gestão arqueológica**
André Teixeira / Sérgio Rosa / Telmo António / Rodrigo Banha da Silva / João Gonçalves Araújo / Eva Pires / Beatriz Calapez Santos / Fátima Alves / Francisco Curate / Leonor Medeiros / Joana Esteves / Alexandra P. Rodrigues / André Bargão / Joana Mota
- 2357 **Um projeto de Arqueologia atlântica: a ERA na Madeira**
Arlette Figueira / Miguel Lago
- 2365 **Abordagens Interdisciplinares para o Estudo Histórico e Arqueológico do Património Têxtil: Experiências e Perspetivas da Ação COST EuroWeb**
Catarina Costeira / Francisco B. Gomes / Paula Nabais / Alina Iancu
- 2381 **Umas termas debaixo dos vossos pés: o Projeto de Estudo e Valorização do Criptopórtico Romano de Lisboa (CRLx)**
Nuno Mota / Ana Caessa
- 2393 **Arqueologia Urbana no Município de Coimbra**
Sérgio Madeira / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Raquel Santo
- 2407 **A Cidade como ponto de (Re)encontro com o seu território**
Raquel Santos / Ana Gervásio / Clara Sousa / Joana Garcia / Sérgio Madeira
- 2419 **Os antigos sistemas de gestão de água de Coimbra: características formais e estado da arte**
Paulo Morgado / Sónia Filipe
- 2433 **Ecologias da liberdade: materialidades da escravidão e pós-emancipação no mundo atlântico. Um projeto em curso em Portugal e na Guiné-Bissau**
Rui Gomes Coelho / Ana Maria Costa / João Tereso / Maria da Conceição Lopes / Maria da Conceição Freitas / Patrícia Mendes / Rute Arvela / Sandra Gomes / Sara Simões / Sónia Gabriel
- 2441 **Centro Interpretativo do Urbanismo e da História do Crato – Resultados da intervenção arqueológica**
Susana Rodrigues Cosme / Tânia Maria Falcão / Heloísa Valente dos Santos

O CASTELO DE VALE DE TRIGO (ALCÁCER DO SAL): DADOS DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS

Marta Isabel Caetano Leitão¹

RESUMO

O Castelo de Vale de Trigo trata-se de uma fortificação do Período Islâmico, implantada em dois cerros elevados, no interior do território de Alcácer do Sal. O sítio arqueológico foi identificado pela autora do artigo, em Maio de 2019, e entre Junho e Dezembro de 2020 efectuaram-se trabalhos de escavação arqueológica que colocaram a descoberto parte da muralha que circundava o promontório Norte. O povoado associado situava-se a cerca de 600 m daquele dispositivo defensivo e ali identificámos fragmentos de cerâmicas comuns islâmicas com uma cronologia entre os séculos VIII e XII.

Palavras-chave: Arqueologia Medieval Islâmica; Território; Fortificações.

ABSTRACT

The Castle of Vale de Trigo is a fortification from the Islamic Period, situated on two elevated hills within the territory of Alcácer do Sal. The archaeological site was identified by the author of the article in May 2019, and excavation works were carried out between June and December 2020, uncovering part of the wall that surrounded the northern promontory. The associated village was located approximately 600 meters from that defensive structure, where we identified fragments of common Islamic ceramics dating from the 8th to 12th centuries.

Key words: Islamic Medieval Archeology; Territory; Fortifications.

1. LOCALIZAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS TRABALHOS

O Castelo de Vale de Trigo localiza-se na actual freguesia de Santa Maria do Castelo, no concelho de Alcácer do Sal, a 8 km a Norte da cidade, e ocupa dois cerros onde, à superfície, são visíveis elementos pétreos, de média e grande dimensão, alguns deles aparelhados, distribuídos por uma área com cerca de 4 ha. O cerro mais alto, situado a Norte, encontra-se junto à ribeira de Vale de Trigo, que o envolve em toda a sua encosta Norte e Leste, e o seu recinto amuralhado ocupa área com 2,5 ha. O cerro situado a Sul possui igualmente vestígios da existência de um recinto, porém mais pequeno, com cerca de 1 ha. (Figs. 1 e 2). O povoado associado localiza-se no cerro situado a Sudoeste do Castelo de Vale de Trigo, a cerca de 600 m, onde se encontram oliveiras

centenárias e fragmentos de cerâmica. Os cerros são ocupados por eucaliptos e pinheiros que contribuíram para a destruição de grande parte das estruturas que compunham o sítio arqueológico.

O sítio foi identificado em Maio de 2019, no âmbito do meu projecto de doutoramento: “*A organização do Território no Sudoeste do Ġharb Al -Andalus – povoamento rural e paisagens fortificadas na kūra de Alcácer do Sal*” (SFRH/BD/117606/2016; COVID/BD/151702/2021), e, em Agosto do mesmo ano, efectuou-se prospecção sistemática com o intuito de identificar novos tramos do perímetro amuralhado, bem como materiais arqueológicos e estruturas no seu interior, tendo em vista compreender a extensão da fortificação e seleccionar áreas para a realização de sondagens (Leitão, 2023, pp. 68-75). As prospecções no cerro Norte, zona mais elevada, permitiram identificar alinhamentos de pedras nas encostas Sul

1. IAP – Instituto de Arqueologia e Paleociências da Universidade Nova de Lisboa; História, Territórios e Comunidades do Centro de Ecologia Funcional – Ciência para as Pessoas e o Planeta da Universidade de Coimbra (HTC-CFE) / martaleitao11@gmail.com.

e Norte, zonas onde não se plantou eucaliptos, bem como troços de uma torre, muito oculta pela vegetação. No cerro Sul também se reconheceram alinhamentos de pedras na encosta orientada a Norte. Não se identificou qualquer espólio arqueológico à superfície em ambos os cerros.

Apesar disso, os resultados da prospecção não foram muito conclusivos, pelo que se seleccionou uma área de escavação que pudesse clarificar, não só a cronologia e natureza da ocupação, mas possibilitar recolher informações sobre a estrutura defensiva. Efectuou-se, assim, uma sondagem no cerro Norte, na sua vertente Sul, onde eram visíveis alinhamentos de pedras e, onde não existia eucaliptos, que denominamos de sector 1. Os trabalhos iniciaram-se em Junho de 2020 e prolongaram-se até Dezembro do referido ano.

Primeiramente, procedeu-se à remoção da vegetação rasteira que cobria a estrutura, deixando somente os plantios agrícolas de pinheiros e oliveiras que estavam no topo da muralha. Em seguida marcou-se uma quadrícula com 12 m de comprimento por 6 m de largura, onde se subdividiu em quadrados de 2×2 m, em vez de 4×4 m, devido à falta de recursos humanos que permitissem a escavação de grandes áreas. Foram assim escavados na totalidade os quadrados A1, A2, A3, B1, B2, B3, C2, D2, E2, F2 e F3 e, parcialmente, os quadrados C1 e D1, perfazendo uma área total intervencionada de 24 m². Os trabalhos iniciaram-se nos quadrados A1, A2 e A3 com a definição das pedras, tendo como objetivo compreender que tipo de estrutura se estaria em presença. Foi perceptível a existência de alinhamentos de pedras que formavam um potente muro, bastante arruinado pelo plantio de pinheiros, com pedras derrubadas, de enormes dimensões, nos quadrados A1 e A3. Prosseguiu-se os trabalhos de definição em direcção aos quadrados B1, B2, B3, C1 e C2 que permitiram detectar a continuidade da estrutura.

2. ESTRATIGRAFIA E ESTRUTURAS

Tendo como objectivo encontrar uma das extremidades da estrutura na vertente Sul e determinar a sua cronologia, bem como alcançar a sua profundidade e verificar o tipo de aparelho procedeu-se à abertura de uma sondagem, com 1×1 m de lado, no quadrado C1.

Sondagem 1

A escavação desta sondagem revelou a existência apenas de uma única unidade estratigráfica (Cama-

da 1), com uma potência de 0,60 m, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2)², com pedras, de pequena e média dimensão, e fragmentos de argamassa. Devido ao elevado grau de destruição da estrutura, optou-se por alargar a área e iniciou-se, no seguimento da sondagem anterior, nova sondagem, com 1×1 m de lado.

Sondagem 2

Revelou igualmente uma única unidade estratigráfica, com uma potência de 0,75 m, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2), com pedras, de pequena e média dimensão, e muitos fragmentos de argamassa. A abertura das duas sondagens permitiu encontrar a extremidade Sul da estrutura, melhor preservada na sondagem 2, com uma profundidade entre 0,60 e 0,75 m e uma espessura conservada de 1,85 m, tendo sido ainda possível verificar que aquela assentava no afloramento rochoso.

Tendo como finalidade encontrar a outra extremidade do muro alargou-se a escavação para o quadrado C2, onde se abriu uma sondagem, com 2×1 m. Presumiu-se, desde logo, que todo o lado Norte do muro deveria encontrar-se bastante destruído devido à abertura de um rego, visível através do negativo deixado no terreno, para plantação de pinheiros, sendo um desafio encontrar a sua outra extremidade.

Sondagem 3

À semelhança das sondagens anteriores, também esta revelou a existência de uma única camada, com uma potência estratigráfica de 0,50 m, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2), com pedras, de média e grande dimensão, e fragmentos de argamassa. O elevado grau de derrubes de pedras encontrado na sondagem deveu-se à abertura do rego para plantação de pinheiros, não permitindo, por isso, encontrar a sua extremidade Norte. A maioria dos silhares de pedra encontram-se aparelhados em todas as suas faces e possuem dimensões que oscilam entre 0,15 m e 0,65 m de comprimento e entre 0,10 m e 0,45 de altura. Tendo em vista encontrar a extremidade Norte, procedeu-se ao alargamento da área para o quadrado D2, onde se abriu uma sondagem, com 2×1 m.

2. Para a caracterização da composição, textura e cor das unidades estratigráficas recorreu-se ao catálogo cromático *Munsell Soil Color Chart* (versão de 1994), o qual serviu, de igual modo, de referência para a descrição das cores das pastas das cerâmicas.

Sondagem 4

Esta sondagem era também composta por uma única camada, com uma potência estratigráfica de 0,55 m, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2), com pedras, de pequena e média dimensão, e fragmentos de argamassa. A abertura daquela permitiu a descoberta de troço melhor conservado da extremidade Norte da muralha, achando-se na mesma uma pedra de grande dimensão *in situ*, com 0,45 m de comprimento por 0,45 m de largura, bem como a continuidade da muralha em direcção a Poente. Não obstante, apesar da descoberta do troço referido, a abertura desta sondagem comprovou o grau de destruição de grande parte da estrutura devido às raízes das árvores que se acham no topo daquela, bem como à abertura do rego, junto à extremidade Norte da muralha, para a plantação de pinheiros. A escavação da sondagem terminou após ter-se alcançado o afloramento rochoso onde aquela assenta. A escavação prosseguiu para o quadrado D1, tendo como objectivo colocar à vista a restante parte da muralha, sobretudo a continuidade da sua extremidade Sul.

Sondagem 5

Abriu-se nova sondagem de 2×1 m, composta por única camada, com uma potência estratigráfica de 0,75 m, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2), com pedras, de pequena e média dimensão, e muitos fragmentos de argamassa. Através da sua abertura foi possível verificar que a muralha atinge naquela zona uma espessura conservada de 1,60 m. A presença de vestígios da possível muralha inflectindo em direcção a Norte, à parte mais elevada do cerro, justificou a necessidade do alargamento da escavação para o quadrado E2, visando comprovar se de facto aquela seguia na respectiva direcção.

Sondagem 6

Abriu-se sondagem, com 2×2 m de lado, composta por única camada, com uma potência estratigráfica de 0,40 m, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2), com pedras, de pequena e média dimensão, e alguns fragmentos de argamassa. O alargamento da área de escavação permitiu colocar à vista a continuidade da estrutura e parte de troço que começa a inflectir para Norte, acompanhando o contorno do próprio cerro. Porém, o troço intervenção acha-se bastante arruinado devido, tal como já mencionado, ao rego para plantação de pi-

nheiros, que terá arrasado parte da muralha na sua extremidade Norte, com maior incidência no troço escavado no quadrado E2, onde ela inicia a inflexão. A muralha aqui possui uma espessura entre 0,90 m a 1,15 m. Pretendendo confirmar a inflexão da muralha em direcção a Norte, à cota mais alta do cerro, e na esperança de encontrar troço melhor preservado, alargou-se a escavação para os quadrados F2 e F3.

Sondagem 7

Procedeu-se à abertura de sondagem, com 2×2 m de lado, tendo-se escavado, somente, até 0,32 m de profundidade, junto da extremidade Sul, e 0,22 m, junto da extremidade Norte, não havendo necessidade aqui de aprofundar até à base da estrutura, uma vez que já se tinha realizado esse aprofundamento nas sondagens anteriores, mas sim comprovar a sua inflexão em direcção a Norte. Verificou-se a existência de uma camada, constituída por terra, de cor castanha clara (7.5YR 7/2), com pedras, de média e grande dimensão, e alguns fragmentos de argamassa. A abertura desta sondagem pôs a descoberto a continuidade da muralha e a sua clara inflexão em direcção a Norte, designadamente à zona mais alta do cerro, onde se obtém larga amplitude visual da paisagem envolvente. Encontrou-se silhar de pedra de grande dimensão derrubado, junto da extremidade Sul, com 0,95 m de comprimento por 0,75 m de altura. O troço da muralha intervenção possui uma espessura de 1,20 m.

3. AS ESTRUTURAS DEFENSIVAS

Os trabalhos realizados no Castelo de Vale de Trigo permitiram concluir, até ao momento, que aquele sítio correspondia a um *hişn* muçulmano com povoação associada nas proximidades. A fortificação era composta por dois recintos, um situado a Norte, na zona de cota mais alta, e outro no cerro Sul, edificados com silhares de pedra, preenchidos interiormente por pedra miúda e argamassa. A área intervenção de 24 m² no sector 1, situado na extremidade Sul do cerro Norte, permitiu identificar parte da muralha, com uma espessura conservada entre 1,60 m e 1,85 m e uma altura de 0,75 m, que circundava todo o cerro Norte (Figs. 3 e 4). Aquela foi construída sobre o substrato rochoso com silhares de pedra aparelhados, de tamanho médio e grande, dispostos de forma irregular, preenchidos por pedra miúda e argamassa. Os silhares de maiores dimensões foram colocados

na base, tendo como finalidade servir de suporte, e nas extremidades para reforçar a estrutura, achando-se grande parte deles tombados junto daquela (Fig. 5). Os silhares de pedra utilizados na muralha de dimensões mais pequenas possuem um tamanho de 0,15 m de comprimento por 0,10 m de largura; os médios entre 0,36 m e 0,46 m de comprimento e 0,25 m e 0,32 m de altura. Já os grandes apresentam um tamanho entre 0,43 m e 0,95 m de comprimento por 0,28 m e 0,75 m de altura. A pedra utilizada na sua construção foi o granito, provavelmente extraído das Serras dos Clérigos e Serrinha, a cerca de 4 km a Norte do arqueossítio, onde encontramos aquele tipo de rocha. A identificação de apenas uma unidade estratigráfica referente à construção da muralha permite-nos atribuir a edificação daquela num único dado momento, não existindo, até ao presente, indícios de remodelações posteriores, bem como de estruturas anteriores à muralha.

Para além da muralha descoberta nas intervenções, identificámos no decorrer dos trabalhos de prospecção, junto à encosta Norte, a mais íngreme da fortificação, onde passa a ribeira de Vale de Trigo, vestígios da passagem da muralha, bem como a existência de uma possível torre, porém bastante oculta pela densa vegetação, que reforçava a defesa da zona Norte do recinto amuralhado (Fig. 6). Aquele recinto, onde a amplitude visual é maior, poderá ter correspondido ao alcácer onde estaria a guarnição militar, localizando-se a entrada, possivelmente, a Leste, onde a inclinação não é tão acentuada. Quanto ao recinto implantado no cerro Sul, cremos que serviria para refúgio e protecção da comunidade rural que habitava o povoado situado a cerca de 600 m daquele local.

4. O POVOADO DE VALE DE TRIGO

O povoado associado à fortificação implanta-se em dois cerros elevados, junto ao ribeiro de Vale de Trigo, abrangendo os vestígios à superfície uma área de cerca de 10 ha. Os trabalhos de prospecção que realizámos no local permitiram identificar silhares de pedras dispersos pertencentes, provavelmente, a estruturas que terão sido destruídas pela movimentação do arado, tal como fragmentos de ladrilhos, telhas de meia cana e cerâmicas comuns, achando-se, ainda, nas proximidades algumas oliveiras centenárias que sugerem a dedicação daquele sítio à produção de azeite (Figs. 7 e 8).

4.1. O espólio arqueológico

O espólio identificado não é abundante e acha-se muito fragmentado e rolado. Não obstante, as cerâmicas recolhidas naquele local permitem atribuir uma ocupação ao sítio no Período Islâmico, patenteada pela presença de fragmentos de cerâmicas comuns, muito rolados, com pastas de cores vermelhas (2.5YR 6/8), alaranjadas (5YR 6/8) e rosadas (7.5YR 7/4) com aplicação de engobes de cor castanha (5YR 7/3), alaranjada (5YR 7/6) e negra, bem como fragmentos decorados com finos traços pintados, de cor vermelha, mas também de cor branca. Efectuou-se, somente, o estudo dos fragmentos possíveis de reconhecimento de forma, enquadrando-se os mesmos na categoria de loiça de mesa e armazenamento. Entre aqueles salientamos a presença de jarrinhas ou jarrinhos, jarras ou jarros e talhas (Figs. 9 e 10).

· Jarrinha (V.T/20/1)

Fragmento correspondendo a porção de bordo de jarrinha. Este é vertical com lábio de secção semi-circular. Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor e oxidante. A pasta é não homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão médio e grosseiro. O núcleo apresenta cor cinzenta (10R 6/1) e as superfícies são de cor alaranjada (5YR 6/8). O diâmetro de boca é de 9 cm e a espessura da parede é de 2 mm.

· Jarrinha (V.T/20/2)

Fragmento correspondendo a porção de bordo de jarrinha. Este é vertical e espessado com lábio de secção semicircular. Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor e oxidante. A pasta é pouco homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão médio. O núcleo ostenta cor vermelha (2.5YR 6/8) e as superfícies cor alaranjada (5YR 6/8). O diâmetro de boca é de 6,6 cm e a espessura da parede é de 3 mm.

· Jarra (V.T/20/3)

Fragmento respeitante a porção de bordo jarra. Este é espessado exteriormente com lábio de secção semicircular. Foi fabricada a torno lento e cozida em ambiente oxidante. A pasta é de cor vermelha (2.5YR 6/8), homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão médio e fino. O diâmetro de boca é de 10 cm e a espessura da parede é de 6 mm.

· Jarrinho ou Jarrinha (V.T/20/5)

Fragmento correspondendo a porção de bordo de jarrinha ou jarrinho. Este é vertical e espessado com lábio de secção semicircular. Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor. A pasta é de

cor cinzenta (10R 6/1), homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão médio e fino. O diâmetro de boca é de 5,4 cm e a espessura da parede é de 1 mm.

· Jarro/Jarra (V.T/20/7)

Fragmento correspondendo a porção de asa de jarro/jarra. Esta apresenta secção oval e perfil semicircular. Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente oxidante. A pasta é de cor vermelha (2.5YR 6/8), homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão médio e fino. As superfícies foram cobertas com engobe de cor alaranjada (5YR 6/8). A espessura da parede é de 1,1 cm.

· Talha (V.T/20/8)

Fragmento correspondendo a porção de bojo de talha. Foi fabricada a torno rápido e cozida em ambiente redutor e oxidante. A pasta é pouco homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão fino, médio e grosseiro. O núcleo e superfície interna são de cor vermelha (2.5YR 6/8), enquanto a superfície externa é de cor rosada (10R 7/4). As superfícies foram cobertas com engobe de cor alaranjada (5YR 7/6). A espessura da parede é de 8 mm e 1 cm.

· Telha (V.T/20/10)

Fragmento correspondendo a porção de telha de meia cana de corpo semicilíndrico. Foi fabricada manualmente e cozida em ambiente oxidante. A pasta é de cor vermelha (2.5YR 6/8), pouco homogénea e compacta, com elementos não plásticos de grão médio e grosseiro. A superfície superior foi alisada e mostra três caneluras transversais realizadas digitalmente. A espessura da parede é de 1 cm.

4.2. Paralelos

A jarrinha (V.T/20/1) tem semelhanças formais com exemplares encontrados em Palmela, de tipo 8B (estampas 6, 13, 18, 24, 28, 33 e 44), com diâmetros de bordo idênticos à peça em análise (V.T/20/1), entre os 9 e os 12 cm, com uma cronologia no século VIII até inícios do XI (Fernandes, 2004, p. 151; Araújo, 2013, p. 58). Também no Algarve Oriental encontramos jarrinhas similares, tipo 8A, de idêntica cronologia, assim como em Silves, na camada 8, correspondente aos séculos VIII-IX, onde foram exumados púcaros com bordos análogos (Q3/C8-33 e Q3/C8-34) (Catarino, 1997/1998, pp. 778-780; Gomes, 2003, p. 492). Encontramos, igualmente, paralelos com jarrinhas (AS/CC/93-97/1124; AS/CC/93-97/1131) descobertas no Castelo de Alcácer, algumas decoradas com pintura, de cor vermelha, datadas dos séculos IX-X,

tal como exemplares exumados em Mértola, com cronologia semelhante, e em Évora, com jarrinha (CMCS/302), datada dos séculos X-XI (Torres *et alli*, 1991, pp. 501-502; Santos, 2016, pp. 65 do texto e 27 do inventário II; Leitão, 2017b, pp. 47 e 101). No arrabalde Emiral de Córdova foram encontradas jarrinhas (nºs 85 e 88 da fig. 6), de bordo similar, decoradas com traços pintados, de cor castanha e alaranjada, datados dos séculos VIII-IX, assim como em Jaén, designadamente em Peñaflor e Plaza de Cambil, onde foram recolhidos exemplares equivalentes, tipo 32, nº 13, com uma cronologia de meados do século VIII e inícios do IX (Castillo Armenteros, 1998, pp. 100 e 116, fig. 52; Casal *et alli*, 2005, pp. 198 e 220). A jarrinha (V.T/20/2) apresenta paralelos com jarrinhas, de bordo vertical e lábio espessado, tipo 8D (nº 2974), encontradas em Palmela em níveis correspondentes aos finais do século X e XI, achando-se ainda alguns exemplares em camadas dos inícios do século XII (Fernandes, 2004, p. 151; Araújo, 2013, p. 60, estampa 59). Também em Mértola foi recolhida jarrinha idêntica (CR/PT/0007), decorada com pintura, de cor branca, com uma cronologia no século X (Gómez Martínez, 2014, p. 393). Em Lisboa foi exumada jarrinha (4165), com bordo espessado ao interior, decorada com pintura de cor branca, em níveis dos séculos XI-XII, tal como no assentamento de Funchais 6, em Beja, onde foram recolhidos jarros de bordos análogos, com diâmetros entre 8-12 cm, decorados com linhas horizontais, de cor branca, atribuídos aos séculos XI-XII (Bugalhão *et alli*, 2007, pp. 339 e 341; Cardoso, 2013, p. 45, estampa XXIV, peça nº 66). Em Granada, designadamente em Sombrerete, apareceram jarrinhas de bordo similar, com uma cronologia nos séculos IX-X, assim como em Jaén, tipo 7, nº 46, descobertas em vários assentamentos e datadas do século IX (Castillo Armenteros, 1998, pp. 97 e 116, fig. 50; Carvajal López, 2008, pp. 288; 428-429).

A jarrinha (V.T/20/3) possui semelhanças formais com exemplar (CMCS/81) descoberto em Évora, datado dos séculos X-XI, assim como em Silves com jarrinhas decoradas com pintura e exumadas em contextos dos séculos X-XI (Gomes, 2011, pp. 48; 53-54; Santos, 2016, pp. 66 do texto e 37 do inventário II). Encontramos paralelos, igualmente, em Beja com jarrinhas de diâmetros similares, entre 8-12 cm, datadas dos séculos XI-XII (Cardoso, 2013, p. 45, estampa XXIV, peça nº 67). O jarrinho ou jarrinha (V.T/20/5) apresenta paralelos com jarrinhas e jar-

rinhos, tipo M, de bordo moldurado, particularmente com um engrossamento ou moldura externa no final do bordo, como a peça em análise (V.T/20/5), descobertos em Granada em contextos do século IX-X, surgindo também em camadas do século XI (Carvajal López, 2008, pp. 231 e 429). Em Jaén foram encontrados jarrinhos, tipo II, com bordos de forma idêntica, decorados com pintura de cor branca, datados do século IX (Castillo Armenteros, 1998, pp. 55-56 e 120, fig. 15, nº11).

A asa de jarro ou jarra (V.T/20/7) apresenta paralelos em Silves com exemplar (nº Q3/C8-22), recolhido na camada 8, respeitante aos séculos VIII-IX. Porém é um tipo de asa que aparece, igualmente, em jarras (Q5/C3-1; Q5/C3-8), datadas dos finais do século XI e primeira metade do século XIII, naquela mesma cidade (Gomes, 2003, pp. 396-397; 493-494). Quanto à talha (V.T/20/8) por se tratar de um pequeno fragmento de bojo não é possível efectuar paralelos para a respectiva peça.

5. CONCLUSÕES: FUNCIONALIDADE E CRONOLOGIA

As intervenções arqueológicas realizadas no Castelo de Vale de Trigo permitiram comprovar, até ao momento, que aquele sítio se trata de uma fortificação, com grande probabilidade edificada no Período Omíada, com povoado associado nas proximidades. Apesar de não se ter recolhido espólio durante as escavações arqueológicas, o estudo das cerâmicas identificadas, a cerca de 600 m daquele sítio, permitem atribuir uma ocupação no Período Islâmico, particularmente entre os séculos VIII e XII. Para além disso, o aparelho construtivo das muralhas da fortificação, composto por silhares de pedra, dispostos de forma irregular, preenchidos com pedra miúda e argamassa, sugerem a sua construção no Período Islâmico (Malpica Cuello, 1998, pp. 299-304).

Encontramos aparelho construtivo similar nas muralhas e torres, erguidas no Período Omíada, nos Castelos de Palmela e Alcácer, as quais foram edificadas com silhares de pedras, alguns dispostos de forma irregular e outros com alguma regularidade, preenchidos por pedra miúda e argamassa, mas também, em alguns paramentos, com fragmentos de tijolo (Fernandes, 2004, pp. 241-244; Leitão, 2017a, pp. 51-61). De igual modo, nos Castelos de Alcoutim e Relíquias encontra-se técnica construtiva semelhante, embora melhor conservados, tendo sido as muralhas e torres

daqueles dispositivos edificadas com silhares de pedra aparelhados preenchidos no interior com pedras menores e argamassa de barro, as quais foram construídas também durante o Emirado e Califado (Catarino, 1997/1998, pp. 346-404; 424-452).

Quanto à existência de dois recintos amuralhados bastante próximos, separados entre si por um vale, um mais elevado situado no cerro Norte e outro implantado no cerro Sul, poderá o primeiro tratar-se do alcácer, onde estaria instalada uma guarnição militar, visto ser a zona com melhor visibilidade da paisagem envolvente, e o segundo destinar-se-ia a proteger áreas habitacionais ou, eventualmente, poderia constituir um espaço de refúgio temporário para as comunidades rurais que viviam nas proximidades. A edificação de dois perímetros amuralhados adjacentes, por vezes cortados entre si por um fosso, é bastante comum nas fortificações do Período Islâmico, como por exemplo no Castelo Omíada de Gormaz, em Sória, onde a alcáçova estava separada do segundo recinto amuralhado através de um fosso (Almagro, 2008, pp. 55-58). No actual território português temos também o exemplo do Castelo de Alferce onde trabalhos arqueológicos ali realizados permitiram comprovar a existência de dois recintos amuralhados, construídos nos Períodos Emiral e Califal, particularmente um que envolveria o alcácer com seis torres adossadas e uma cisterna no seu interior e um outro que circundaria, possivelmente, um espaço habitacional relacionado com a alcáçova (Capela *et alli*, 2020, pp. 37-42).

Poderemos, de igual modo, estar perante dois recintos edificados em momentos distintos e que poderão não ter funcionado em simultâneo. Trata-se de uma situação muito comum no Período Islâmico, conforme se verificou na Província de Guadalajara, na zona da Marca Média do *al-Andalus*, onde os trabalhos de prospecção arqueológica permitiram identificar uma série de fortificações islâmicas com dois recintos amuralhados, separados entre si, em elevações diferentes. O estudo dos aparelhos construtivos e das cerâmicas exumadas naqueles dispositivos militares possibilitou confirmar que um dos recintos corresponde a uma cronologia nos Períodos Tardo-Romano e Emiral e outro dos recintos terá sido edificado, provavelmente, durante o Califado, momento em que se abandona o anterior recinto amuralhado (Contreras Ruiz, 2013, pp. 335-364). Situação semelhante poderá vir a verificar-se no Castelo de Alferce, em Monchique, tal como no Castelo

de Vale de Trigo, em Alcácer do Sal. Deste modo, debruçando-nos sobre o caso de estudo em análise poderá, desta forma, o recinto Sul corresponder a uma fase mais antiga podendo, ou não, inserir-se numa cronologia islâmica e, posteriormente, com toda a instabilidade que se começa a vivenciar no decorrer do século IX, ter-se optado por construir um outro recinto no cerro Norte, o qual estrategicamente estava melhor posicionado, possuindo uma forte pendendo na sua vertente precisamente orientada a Norte, onde corria a ribeira de Vale de Trigo, usufruindo de uma excelente visibilidade naquela direcção, bem como do rio Sado, a Sul.

A construção daquela fortificação estaria assim relacionada com a passagem de uma via ali próxima que unia Alcácer aos territórios situados mais a Norte, como é o caso de Palmela e Lisboa, mas também Montemor-o-Novo, Évora e Badajoz. A necessidade de protecção e controlo destas vias terrestres permitia uma segura circulação de pessoas e mercadorias que diariamente se deslocavam por aqueles caminhos até aos núcleos urbanos. A notória posição estratégica do dispositivo militar permitia-lhe excelentes condições de defesa e controlo directo dos terrenos férteis, bem como da paisagem envolvente até ao rio Sado. Este aspecto é interessante, dado que, apesar de ser um *hiṣn* que se situava no interior do território da *Kūra* de Alcácer e cuja função primordial seria o controlo da via terrestre, possuía também um papel fundamental na vigilância do curso fluvial, evidenciando, deste modo, a importância que o rio teria na articulação do povoamento em torno de *al-Qaṣr*, bem como a necessidade do seu controlo no acesso à cidade.

A construção da fortificação implicou a mobilização de recursos e mão-de-obra especializada que só um poder centralizado teria meios para o executar. O século IX foi marcado por uma série de revoltas dos berberes e *muladí*s contra os Omíadas de Córdoba, bem como dos Abássidas contra estes últimos, achando-se Alcácer no centro destes acontecimentos, dada a sua relativa proximidade e relação com Beja nos primeiros séculos da presença muçulmana (Coelho, 2008, pp. 111-150).

Para além disso, o século em questão foi igualmente marcado pelos ataques vikings que várias vezes desceram o vale do Sado, fazendo com que os Omíadas virassem as suas atenções para as zonas costeiras do ocidente, sendo nesse contexto que se fixam em Alcácer, em 875-876, os *Banū Dānis*, fiéis ao Emir de Córdoba (Makki e Corriente, 2001, pp. 317-318; Cor-

reia, 2013, p. 74). Admite-se, deste modo, a possibilidade de este *hiṣn* ter sido erguido após 875-876, por ordem de *Muḥammad I*, quando aquela família berbere se fixa em Alcácer, tendo como finalidade o controlo do território, face às ameaças dos vikings, mas também das forças berberes e *muladí*s que constantemente se revoltavam contra o poder central (Felipe, 1997, pp. 90-91). Moedas Omíadas, cunhadas nos reinados de *ʿAbd al-Raḥmān II* e *Muḥammad I*, descobertas em Alcácer do Sal comprovam o domínio do poder central de Córdoba, logo após o primeiro ataque viking e mesmo antes da chegada dos *Banū Dānis*, naquele território ocidental. Ao mesmo tempo, a instalação de uma fortaleza naquele local permitia um melhor controlo das populações que habitavam o território, assim como da recolha de impostos no seio das comunidades rurais. Não obstante, apesar do exposto, só o prosseguimento da investigação no local poderá contribuir com mais informações acerca da sua cronologia e dos distintos hiatos de ocupação naquele espaço.

BIBLIOGRAFIA

ALMAGRO, Antonio (2008) – “La puerta califal del castillo de Gormaz”, *Arqueología de la Arquitectura*, nº 5, pp. 55-77.

ARAÚJO, João (2013) – *A cerâmica islâmica do castelo de Palmela: análise tipológica e crono-estratigráfica dos materiais da galeria 5*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

BUGALHÃO, Jacinta; GOMES, Sofia; SOUSA, Maria João (2007) – “Consumo e utilização de recipientes cerâmicos no arrabalde ocidental da Lisboa islâmica (Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros e Mandarin Chinês)”, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol. 10, nº 1, pp. 317-343.

CAPELA, Fábio; TEICHNER, Félix; HERMANN, Florian (2020) – “Cerro do Castelo de Alferce (Monchique) um emblemático sítio arqueológico”, *Al-madan*, II série (23), Tomo I, pp. 35-49.

CARDOSO, Alberto (2013) – *A Ocupação Rural Islâmica no Baixo-Alentejo: os materiais do sítio dos Funchais 6 (Beringel)*. Tese de Mestrado em Arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

CARVAJAL LÓPEZ, José (2008) – *La cerámica de Madinat Il-bira (Atarfe) y el poblamiento altomedieval de la Veja de Granada*. Granada, Grupo de Investigación “Toponimia, Historia y Arqueología del Reino de Granada”/Ayuntamiento de Atarfe.

CASAL, Maria Teresa; CASTRO, Elena; LÓPEZ, Rosa; SALLINAS, Elena (2005) – “Aproximación al estudio de la cerámica emiral del arrabal de Saqunda (Qurtuba, Córdoba)”, *Arqueología y Territorio Medieval*, vol. 2, nº 2, pp. 189-235.

CASTILLO ARMENTEROS, Juan (1998): *La campiña de Jaén en época emiral (s. VIII-X)*. Jaén, Universidad de Jaén.

CATARINO, Helena (1997/1998) – *O Algarve Oriental Durante a Ocupação Islâmica: Povoamento Rural e Recintos Fortificados*, 3 vol. Al -ulyã, Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé, 6.

COELHO, António, Borges (2008) – *Portugal na Espanha Árabe*. Lisboa, Editorial Caminho.

CONTRERAS RUIZ, Guillermo (2013) – *Los valles del alto Henares en época Andalusí: la organización del poblamiento y su relación con las explotaciones salineras (siglos VIII-XII)*. Dissertação de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Universidad de Granada.

CORREIA, Fernando Branco (2013) – “Fortificações de iniciativa omíada no *Ġharb Al -Andalus* nos séculos IX e X – hipóteses em torno da chegada dos Majus (entre Tejo e Mondego)”. In FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) – *Fortificações e Território na Península Ibérica e no Magreb (séculos VI a XVI)*, vol. II. Lisboa: Edições Colibri-Campo Arqueológico de Mértola, pp. 73-86.

FELIPE, Helena De (1997) – *Identidad y onomástica de los beréberes de al-Andalus*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC).

FERNANDES, Isabel Cristina (2004) – *O Castelo de Palmela do islâmico ao cristão*. Lisboa, Edições Colibri.

GOMES, Rosa Varela (2003) – *Silves (Xelb) uma Cidade do Ġharb Al-Andalus: a Alcáçova*. Lisboa, Instituto Português de Arqueologia.

GÓMEZ MARTÍNEZ, Susana (2014) – *Cerâmica Islâmica de Mértola: Museu de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2017a) – *A Presença Islâmica em al-Qaṣr (Alcácer do Sal): o território e o sistema defensivo*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2017b) – *A Presença Islâmica em al-Qaṣr (Alcácer do Sal): urbanismo, quotidianos e cultura material*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas.

LEITÃO, Marta Isabel Caetano (2023) – *A organização do Território no Sudoeste do Ġharb Al -Andalus – povoamento rural e paisagens fortificadas na kūra de Alcácer do Sal*. Tese de Doutoramento em Arqueologia apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

MAKKI, Ali; CORRIENTE, Frederico (2001) – *Ibn ayyūn, al-muqtabis II-1, Crónica de los emires Alhakam I y Abdarrahmān II entre los años 796 y 847*. Zaragoza: I.E.I.O.P.

MALPICA CUELLO, Antonio (1998) – “Las técnicas constructivas en al-Andalus. Un debate entre la Arqueología y la Arquitectura”, *Técnicas Agrícolas Industriais e Constructivas na Idade Média*. Vigo: Universidade de Vigo, pp. 277-336.

SANTOS, José (2016) – *Um olhar sobre o quotidiano de Évora no período medieval – islâmico. Séculos VIII a X*. Tese de Mestrado em Arqueologia e Ambiente apresentada à Universidade de Évora.

TORRES, Cláudio; PALMA, Manuel Passinhas; REGO, Miguel; MACIAS, Santiago (1991) – “Cerâmica Islâmica de Mértola – propostas de cronologia e funcionalidade”. In SILVA, Luís Alves da; MATEUS, Rui (coord.) – *A Cerâmica Medieval no Mediterrâneo Ocidental*. Lisboa: Campo Arqueológico de Mértola, pp. 497-536.

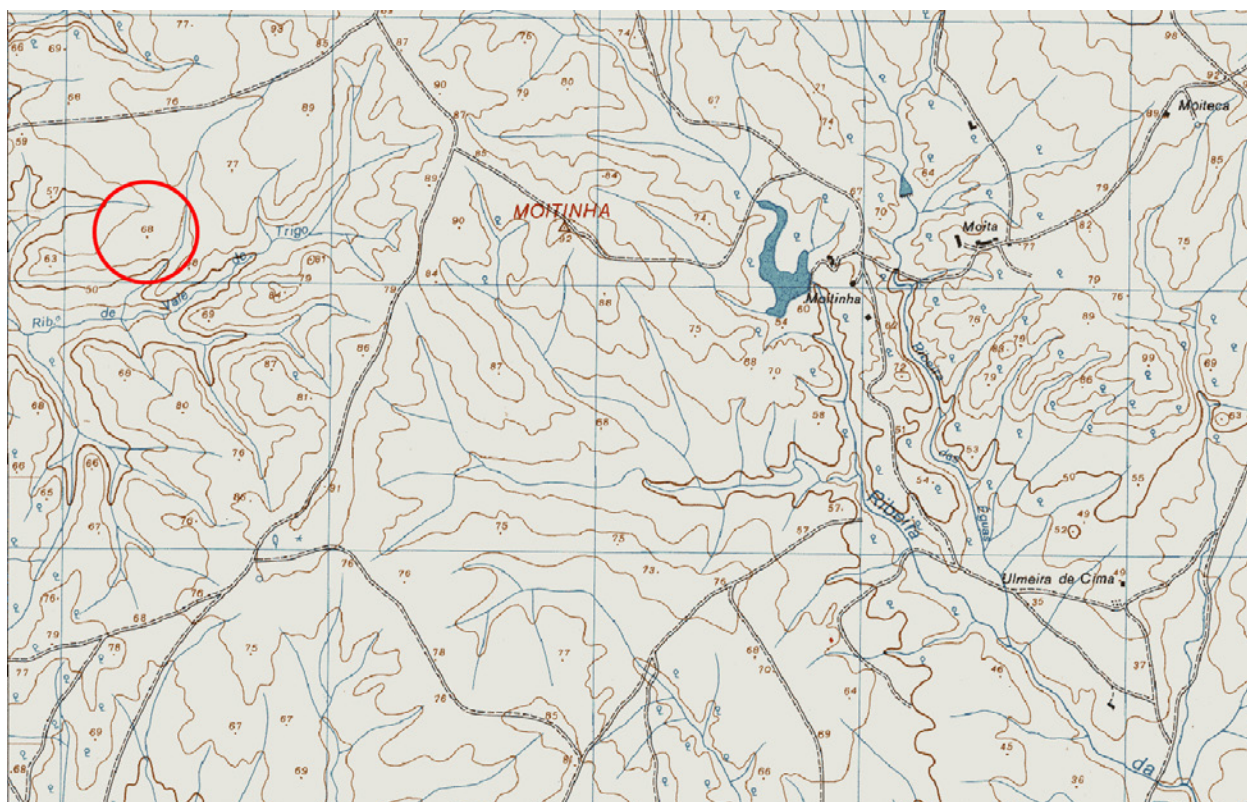


Figura 1 – Localização do Castelo de Vale de Trigo (seg. a C.M.P., nº 468, Santa Susana, escala 1:25 000, S.C.E.P., 1988).



Figura 2 – Área de dispersão das estruturas, à superfície, do Castelo de Vale de Trigo (Google Earth).

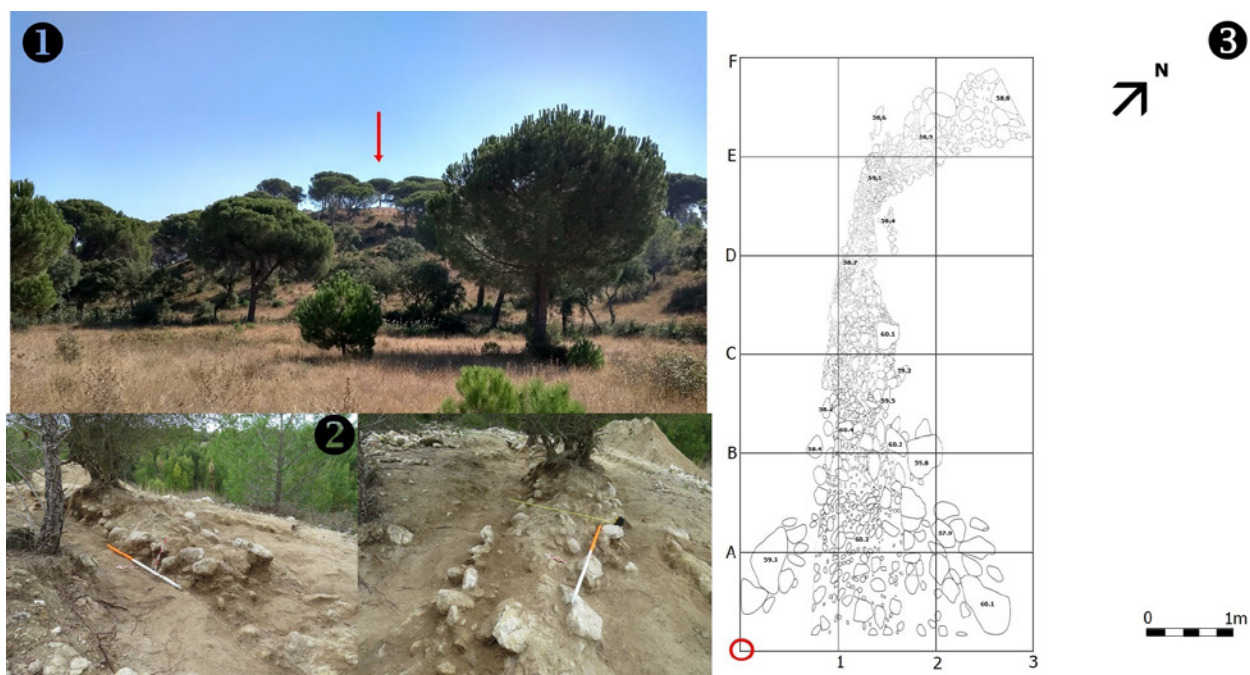


Figura 3 – 1. Cerro Norte do Castelo de Vale de Trigo; 2. Vista geral da estrutura defensiva após a conclusão dos trabalhos; 3. Planta da muralha colocada a descoberto com a marcação da quadrícula.

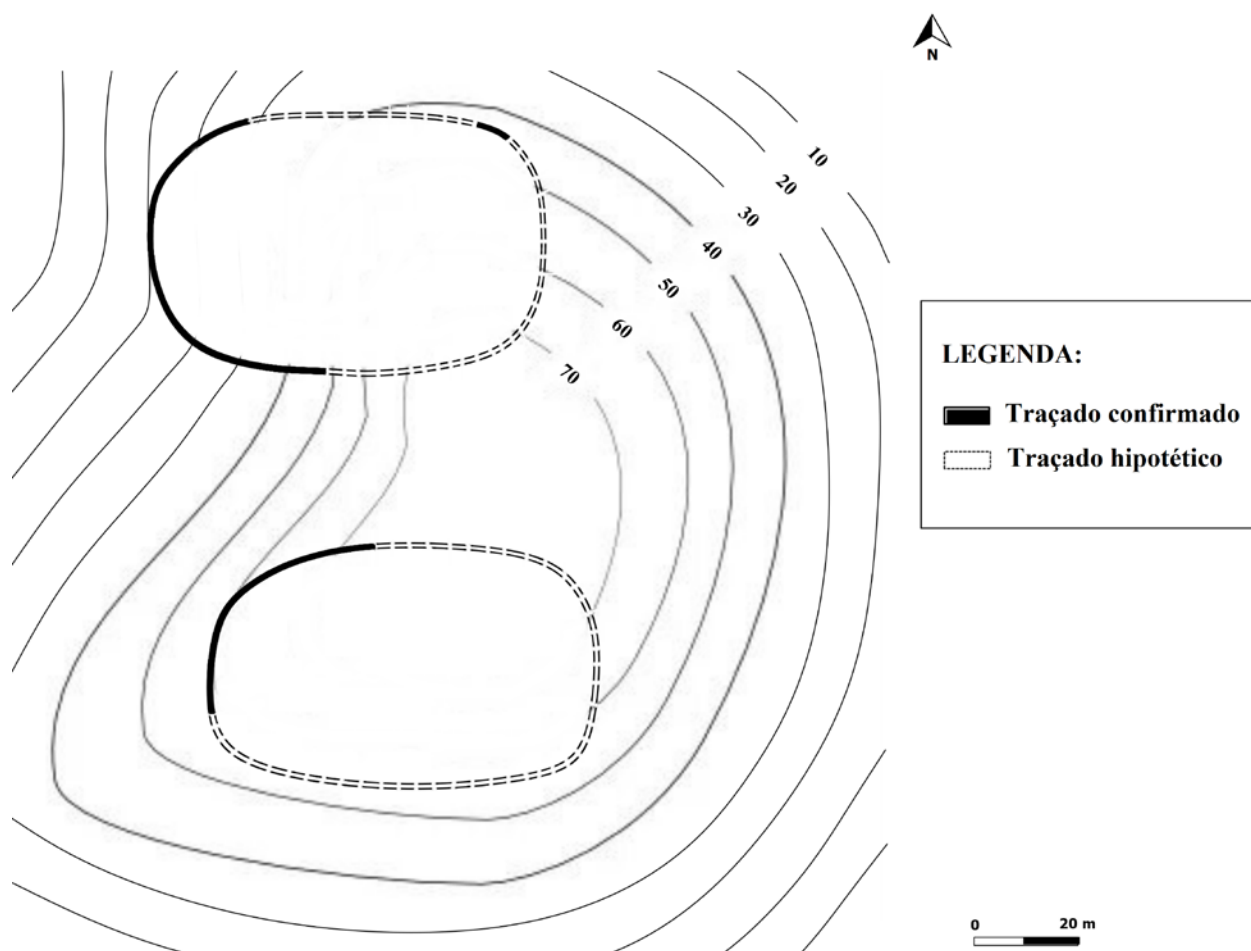


Figura 4 – Planta da fortificação.

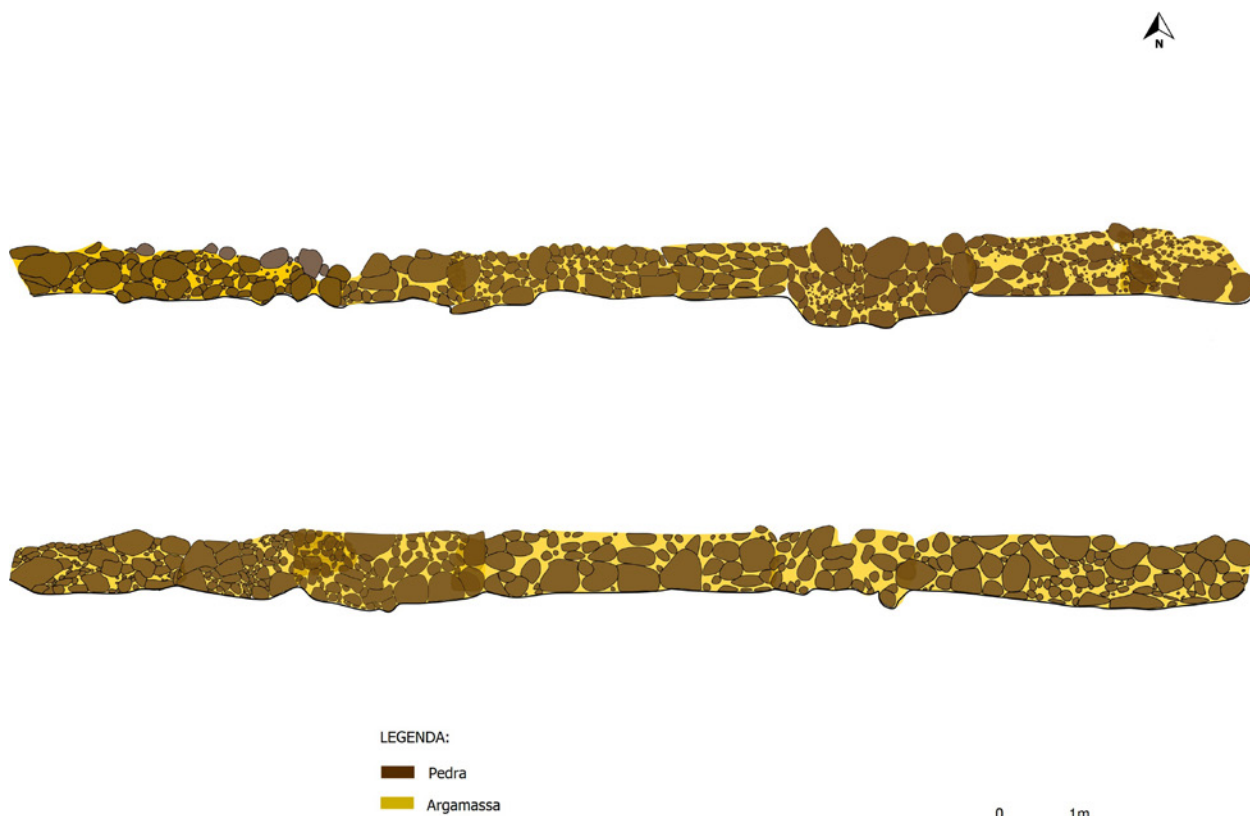


Figura 5 – Alçados Norte e Sul da muralha.



Figura 6 – 1. Troços de uma possível torre; 2. Vista geral da encosta Norte do cerro onde se implanta a provável estrutura defensiva; 3. Derrubes de silhares de pedras junto à torre.



Figura 7 – Área de dispersão dos vestígios, à superfície, do Povoado de Vale de Trigo na fotografia aérea (Google Earth).



Figura 8 – Silhares de pedra e fragmentos de cerâmicas de construção visíveis, à superfície, no Povoado de Vale de Trigo.

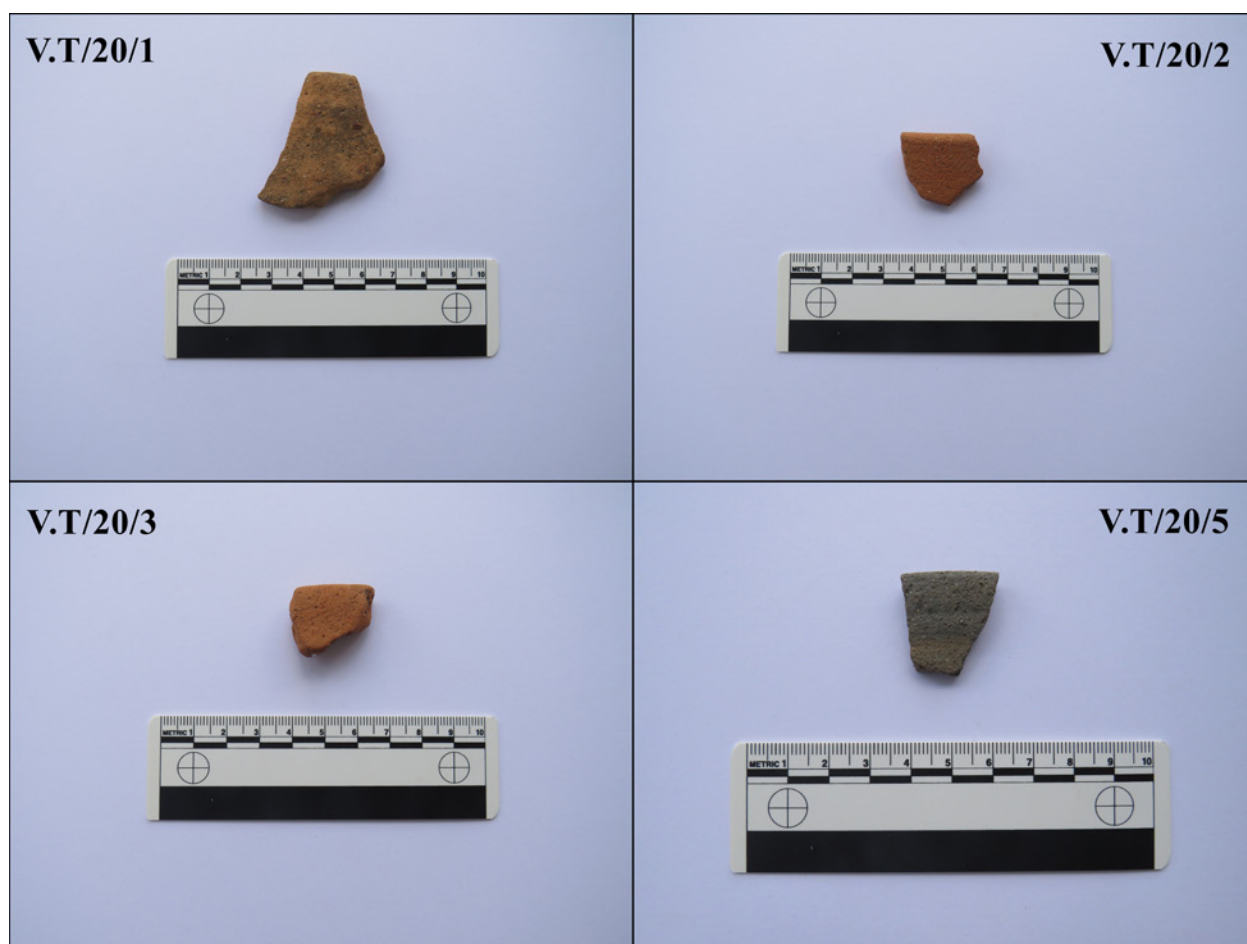


Figura 9 – Fragmentos de jarra e jarrinhas/jarrinhos islâmicos exumados no Povoado de Vale de Trigo.

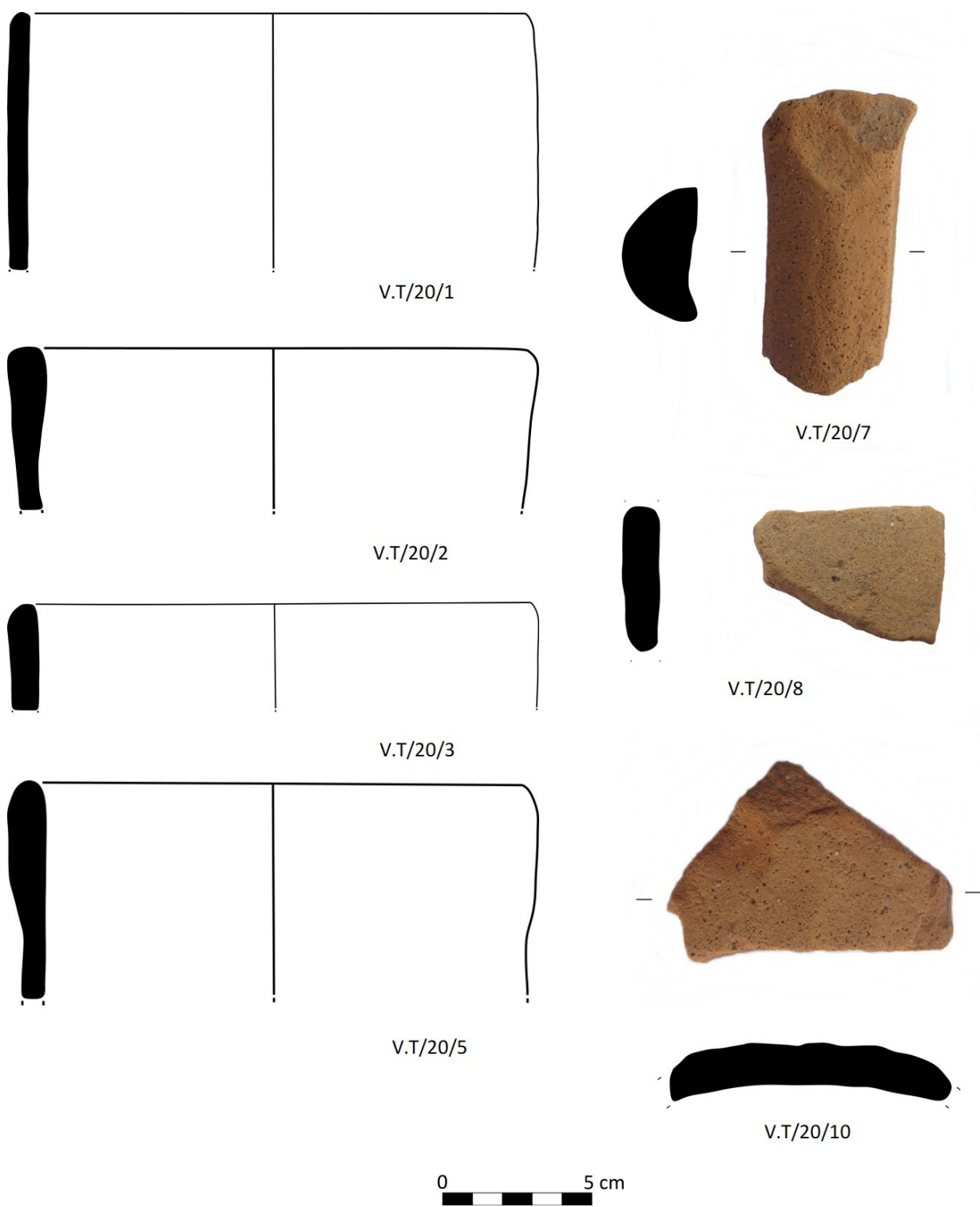


Figura 10 – Fragmentos de jarra/jarro, jarrinhas/jarrinhos, talha e telha de meia cana digitada recolhidos no Povoado de Vale de Trigo.



AAP
ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES

MAC
MUSEU
ARQUEOLÓGICO
DO CARMO

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA**

1 2 9 0 

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA


INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA E ETNOLOGIA
UNIVERSIDADE DE COIMBRA - UO
PALÁCIO DE SUB-RIPIAS


**CENTRO DE
ESTUDOS INTERDISCIPLINARES**
CEIS30 | Universidade de Coimbra

 **Centro de Estudos
em Arqueologia
Artes
e Ciências do Património**
UI&D 281

fct
Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia
UIDB/0046/2020

Apoio Institucional:

**PATRIMÓNIO
CULTURAL**
Departamento do Património Cultural

 **MUSEU NACIONAL
DE MACHADO DE CASTRO**

COIMBRIGA

 **seminário
maior de coimbra**